

# PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

## O arquiteto da luz

Gert Hof, diretor de espetaculares shows de luz e fogos, faleceu dia 24 de janeiro deste ano, aos 60 anos. Na semana passada, aconteceu a “Trauerfeier” (festa do luto) em um galpão de ensaios do estúdio Black Box Music, em Berlim. O evento reuniu cerca de cem pessoas, entre família, amigos e parceiros de trabalho, para lembrar esta grande figura que foi Gert. Por aqui é comum que essa festa ocorra um tempo após a morte, de modo que todos os convidados possam se organizar para estarem presentes.

Na entrada do estúdio, que fica em um amplo parque industrial, chamas de fogo vermelho e um caminho de luzes recebiam os visitantes. O clima era de funeral, como convém à ocasião e ao público em grande parte gótico e metaleiro: candelabros lá e cá, paredes negras, feixes dramáticos de luz, música melancólica e todos de preto. O programa da noite era mínimo: uma leitura e a projeção em vídeo dos momentos da carreira de Gert Hof, desde os anos de diretor teatral na Alemanha Oriental até se tornar responsável por espetáculos grandiosos no mundo todo.

O nome de Gert Hof talvez não seja reconhecido de imediato, porém milhões de pessoas já viram o seu trabalho, de alguma forma, ao vivo ou pela TV, em alguma parte do planeta. No fim dos anos 1990, Gert concebeu megashows

multimídia que o tornariam famoso na virada do milênio. Foi ele, por exemplo, quem iluminou com 750 canhões de luz a estátua do Anjo de Berlim (Siegessäule), no réveillon de 1999, ao som do músico Mike Oldfield. No dia seguinte, transformou a Acrópole, em Atenas, em

uma escultura de luzes. Na virada para 2001, dirigiu a grande festa do milênio na China, em Pequim. Desde então foram mais de 40 megashows e superproduções, como o show da banda Scorpions na Praça Vermelha, em Moscou, “Lights of freedom”, concerto de Bruce Springsteen em frente ao cassino Taj Mahal de Donald Trump, em Atlantic City, nos EUA, e o show “Welcome Europe!”, em Malta, para receber os novos países membros da União Europeia. Seu último trabalho foi a abertura de um anfiteatro em Doha, no Qatar, com concerto de Vangelis, em 2011. Seus trabalhos foram chamados monumentos de luz. Seu palco eram cidades inteiras, terra e céu.

Gert Hof foi praticamente o sétimo integrante da banda berlinense Rammstein. Ele começou a trabalhar com o grupo em 1996, logo no início de sua carreira, cuidando dos cenários, efeitos pirotécnicos e de luz dos concertos. Ele foi ainda o autor da biografia oficial do grupo, lançada em 2001. O Rammstein se tornou famoso internacionalmente após ter duas músicas incluídas na trilha do filme “A estrada perdida”, de David Lynch, lançado em 1997. No Brasil, eles se apresentaram em 1999, abrindo uma turnê do Kiss, e em 2010, em São Paulo. Quem já viu o Rammstein ao vivo conhece Gert Hof, garanto! O grupo utiliza muita pirotecnia. Em suas apresentações tem de tudo: capacetes lança-chamas, pedestais de microfones pegando fogo, bateria explodindo... Além disso, os músicos soltam fumaça e faíscas enquanto to-

cam. Em um show, o cantor Till Lindemann chegou a incendiar o próprio corpo, protegido por um manto de amianto. Essas criações pirotécnicas são parte importante do sucesso da banda, que desde o início sempre gostou de brincar com fogo. Literalmente e porque são provocadores em tempo integral com seu visual radical, som violento, letras de duplo sentido e encenação militarista.

Mas para estas pirotecnias acontecerem conforme o planejado, é necessário fazer testes. Em outubro de 2011, estive no ensaio geral de “Made in Germany”, a última turnê do Rammstein, no mesmo galpão do estúdio Black Box Music onde Gert Hof foi homenageado. Foi a minha primeira vez lá. Fiquei boquiaberta, pois não imaginava que eles iriam de fato

fazer o show completo naquele espaço. Um aviso na porta dizia que ao entrar ali, a responsabilidade no caso de qualquer acidente ficava por conta de cada um. Eles pediam que as pessoas não ficassem tão próximas do palco, já que o espaço entre banda e público era quase inexistente. A maior parte do

público era composta de fãs que cantavam ardentemente as canções e vibravam com cada movimento de Till Lindemann. A performance do cantor é fantástica, ele tem uma das mais poderosas presenças de palco que já vi em toda minha vida. E isso não é de hoje. Quando vi o Rammstein em um dos primeiros *showcases* da banda, em 1995, em Hamburgo, para uma plateia de, no máximo, 50 pessoas, eles já mostravam atitude!

Till Lindemann é o único membro do grupo que se aperfeiçoou em pirotecnia, tem até diploma. Isto se deve a um acidente ocorrido em um concerto em 1996, no Arena, em Berlim, quando um símbolo da banda, em chamas, caiu do palco sobre o público. Ainda que ninguém tenha sido gravemente ferido, a partir daí o Rammstein se profissionalizou. Till se tornou técnico, e os outros integrantes são instruídos para trabalhar com os adereços pirotécnicos que usam no palco.

O Black Box Music é o cenário perfeito para esses ensaios pelas suas dimensões colossais. O estúdio está localizado em uma área industrial no norte de Berlim, na fronteira entre os bairros de Pankow e Reinickendorf, locais não muito distantes do centro da cidade, mas de difícil acesso. O longo caminho até o estúdio semana passada valeu a pena, principalmente porque o motivo era prestar uma última homenagem ao arquiteto da luz, Gert Hof. Que as estrelas, constelações e cometas iluminem o seu novo show.

O nome de Gert Hof talvez não seja reconhecido de imediato, porém milhões de pessoas já viram o seu trabalho